

A COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MUSEU MUNICIPAL CAPITÃO HENRIQUE JOSÉ BARBOSA (CANGUÇU, RS)

JULIANA SABRINE BRAGA ULGUIM¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – julianasabrineulguim@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do projeto de pesquisa desenvolvido para o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, que foca na história do Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa, desde sua criação, e em particular em seu acervo arqueológico.

O Museu Municipal de Canguçu fica na cidade de Canguçu com população total de 53.259 habitantes em uma área de 3.525Km², a 54 Km de Pelotas. O museu foi criado em 1972, passando por duas sedes e um tempo desativado até 1978, quando a professora Marlene Barbosa Coelho, natural de Canguçu, achou que o museu deveria ser reativado novamente no prédio, tombado em 1978, onde até então estava funcionando a Prefeitura de Canguçu, antigo Palacete da família Piegas. O museu foi oficializado pela lei nº 838/83 de 21.11.1983, quando recebeu da Câmara Municipal de Vereadores a denominação de Capitão Henrique José Barbosa, nascido em 19/08/1820, personagem conhecido por empenhar-se na defesa das fronteiras, participando das lutas contra Atanázio Aguirre do Uruguai e Salano López do Paraguai, tendo morrido em combate, entre os anos de 1866 e 1867, no Hospital do Exército, no Paraguai.

No acervo do Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa, além do que já havia da história das revoluções que aconteceram na região, a professora Marlene Barbosa Coelho estando a frente da instituição, disposta a resgatar o patrimônio cultural do município, aceitou doações das famílias de Canguçu ou pessoas ligadas, de uma forma ou de outra, á história. Exemplo disso, o oratório resgatado da família Dias, de Artoldo Tarugo Dias. O acervo totaliza 1815 peças, tanto as em exposição quanto aquelas armazenadas, á espera do processo de restauração.

As exposições desse museu são divididas em temáticas. Cada sala tem um significado que orienta a organização dos objetos, como por exemplo, a entrada, a sala de estar, a sala de jantar, uma sala com elementos diversos, como objetos de guerra, representados pelas armas, e artigos como antigos rádios, máquinas de escrever ou a sala com artefatos arqueológicos, que foram encontrados em fazendas da região de Canguçu.

Essa pesquisa visa a fazer uma análise do funcionamento desse museu, como o seu acervo, com ênfase na coleção arqueológica, que carece ainda da devida atenção que devem receber nos museus os objetos, que têm como um de seus papéis comunicar.

Os objetos arqueológicos sempre estiveram inseridos nos museus, seja apenas por meio de apreciação, como nos antigos “gabinetes de curiosidades”, ou para fazer parte de abastadas coleções particulares, seja mais tarde para representar a história natural, através do olhar dos naturalistas. Os objetos

arqueológicos, sejam eles artefatos, monumentos ou sítios como sambaquis, formam coleções de bens culturais, portadores de valor histórico e artístico, procedentes de escavações e prospecções, ou de simples descobertas casuais feitas por leigos.

2. METODOLOGIA

A fase inicial desta pesquisa consistiu em várias visitas a este museu, onde foi possível analisar o seu funcionamento, a situação de seu acervo e possibilidades de pesquisa. Foram constatadas dificuldades, comuns a museus brasileiros em condições análogas, como a ausência de profissionais com formação adequada para instituições museais, além da inexistência de uma reserva técnica, entre outros fatores, que evidenciam a necessária modernização, considerando-se as tendências e normativas atuais da museologia nacional, visando sempre a tornar esses espaços de memórias mais amigáveis e acessíveis ao público.

Utilizando-se de referencial teórico que abraça diversos autores que se dedicam a temática dos museus no Brasil, como o historiador Camilo de Mello Vasconcellos (2012), o qual acompanha Alice Duarte (2007), ao afirmar que o museu é uma instituição cultural e suas práticas expositivas podem ser vistas como construções de histórias, como narrativas que longe de serem neutras são antes condicionadas pelos contextos político e ideológico em que estão inseridas (VASCONCELLOS, 2012). Do mesmo modo, estes autores discutem sobre acervos arqueológicos em museus, atendo-se em especial em problemas característicos de museus de cidades, análogos portanto a problemas encontrados na instituição canguçuense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com um funcionário do Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa, a documentação do museu com as informações sobre o acervo foi extraviada, quando estragou o computador em que estavam armazenadas. Lastimavelmente, por falta de orientação, a documentação física original havia sido descartada após finalizada a informatização do acervo, e tampouco havia sido feita cópia digital da mesma.

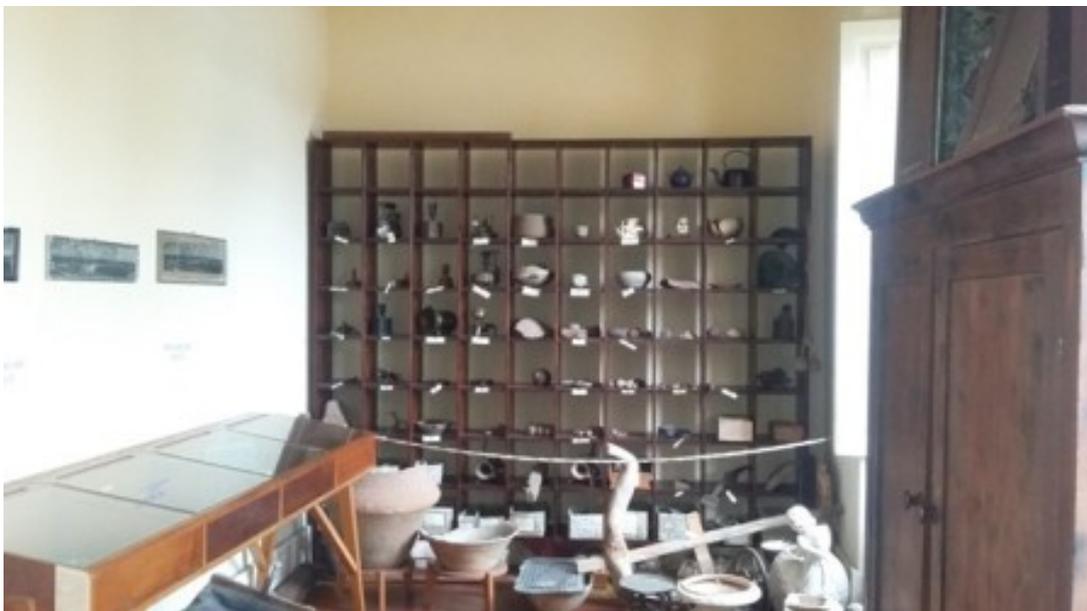
Os objetos arqueológicos estão dispostos aleatoriamente, sem critério de organização. É possível notar, no que tange a salvaguarda do acervo arqueológico, que há dificuldade na conservação, devido à não higienização dos objetos.

O espaço onde estão os objetos arqueológicos é chamado nesse museu de “Sala de Arqueologia”, mas nem todos os objetos nesse ambiente são de cunho arqueológico. Como é possível perceber na figura 1, os objetos estão todos juntos, alguns possuem legenda, sendo que as informações contidas nessas legendas são o único dado que o museu tem sobre essas peças. Para facilitar a identificação dos objetos, e permitir a conferência dos dados nessa pesquisa, foi feito um levantamento através de uma lista com todas as informações desses objetos, assim como fotos para identificar e buscar mais informações sobre os mesmos, com o intuito de prosseguir com a pesquisa, e assim também fornecer ao museu documentação adequada sobre seu acervo e possíveis pesquisas futuras. A análise preliminar das legendas associadas aos objetos revela,

contudo, que em algum momento foi feita pesquisa adequada, pois a identificação do material cerâmico Guarani e de material lítico apresenta-se minimamente acertada, o que, junto ao extravio da documentação, mostra que um dos problemas recorrentes nestes museus, que é a descontinuidade de procedimentos.

Pretende-se contribuir por meio de uma proposta de organização desse espaço e dos objetos arqueológicos para fácil identificação e melhor posicionamento e armazenamento destes. Mesmo desprovidos das informações do histórico dos objetos, como sua proveniência, a tipologia dos objetos em si fornece contextos da cultura material, que podem permitir a elaboração de narrativas que gerem um novo sentido a estes objetos, de modo a fazê-los comunicar, e a tornar esta “Sala de Arqueologia” mais amigável e educativa ao público.

Figura 1



4. CONCLUSÕES

Pesquisar museus é mostrar a sua importância e seus resultados, o impacto e o envolvimento que eles têm com as comunidades onde estão inseridos, assim como com a sociedade em geral. A Lei 11.904, de 14 de Janeiro de 2009, que estabelece o Estatuto de Museus, define museu como uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e também deleite da sociedade (IBRAM, 2009). Basicamente voltado para as pessoas, o museu encontrar-se-ia a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, ficando explicada a sua importância no universo cultural das nações e sua característica quase que universal de entidade sem fins lucrativos” (SCHEINER, 1989).

O Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa é uma instituição que ainda não foi alvo de pesquisa, que pudesse gerar publicação promovendo sua divulgação ou acesso, tanto para os moradores do próprio Município de Canguçu,

quanto visitantes de outras cidades, estudantes e, inclusive, para pesquisadores de vários lugares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, A. **O museu como lugar de representação do outro**. Porto (Portugal): Faculdade de Letras do Porto, p.122-140, 2007.

IBRAM. Portal do Instituto Brasileiro de Museus. **Lei 11.904, de 14 de Janeiro de 2009**. Brasília. Acessado em 02 de ago. 2016. Online. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/>

SCHEINER, T.C.M. Museus e Museologia - uma relação científica? **IN: Ciências em Museus**. vol. 1. nº 1. CNPq, Belém, p. 59-63, 1989.

VASCONCELLOS, C. M. Museus Antropológicos e Universitários: por um novo diálogo junto ao público. **In: CURY, M. X.; VASCONCELLOS, C. de M.; ORTIZ, J. M. (Coord.). Questões indígenas e museus: debates e possibilidades**. CURY, M. X.; VASCONCELLOS, C. de M.; ORTIZ, J. M. (Coord.); Brodowsk: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Coleção Museu Aberto, São Paulo, p. 129-136, 2012.